

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

Versão do arquivo anexado / Version of attached file:

Versão do Editor / Published Version

Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:

<https://periodicos.ufms.br/index.php/AlbRHis/article/view/12103>

DOI: 10.46401/ardh.2021.v13.12103

Direitos autorais / Publisher's copyright statement:

©2021 by Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>



Uma crítica à compreensão parafilica da sexualidade de mulheres transexuais: os problemas com a teoria da “autoginefilia” de Ray Blanchard

A critique of the paraphilic understanding of the sexuality of transsexual women: the problems with Ray Blanchard's theory of “autogynephilia”

Beatriz Pagliarini Bagagli¹

 <https://orcid.org/0000-0002-6019-1713>

Recebido em: 30 de outubro de 2020.

Primeira revisão: 07 de agosto de 2021.

Revisão final: 10 de novembro de 2021.

Aprovado em: 17 de novembro de 2021.

 <http://doi.org/10.46401/ardh.2021.v13.12103>

RESUMO: Este trabalho tem o objetivo de abordar criticamente a teoria da autoginefilia de Ray Blanchard. Segundo o autor, existem dois tipos de mulheres transexuais em função de suas sexualidades: aquelas atraídas por homens e todas as demais, que seriam autoginefílicas. A autoginefilia, compreendida como uma parafilia, designa um conjunto de fantasias sexuais a respeito da imagem de si mesmo/a enquanto mulher. Blanchard postula que a etiologia da identidade feminina em mulheres transexuais não-androfílicas seja a autoginefilia. Nos debruçamos, desta forma, sobre a literatura crítica a respeito do tema, dando especial enfoque às perspectivas das próprias mulheres transexuais. Sustentamos que a teoria proposta por Blanchard é não apenas inconsistente com as narrativas das próprias mulheres transexuais, como também responsável por reiterar visões estigmatizantes a respeito da sexualidade das mulheres transexuais, particularmente daquelas que não se atraem exclusivamente por homens.

ABSTRACT: This work aims to critically address Ray Blanchard's theory of autogynephilia. According to the author, there are two types of transsexual women due to their sexuality: those attracted to men and all the others, who would be autogynephilics. Autogynephilia, understood as a paraphilia, designates a set of sexual fantasies about the image of yourself as a woman. Blanchard postulates that the etiology of female identity in non-androphilic transsexual women is autogynephilia. In this way, we focus on the critical literature on the subject, with a special focus on the perspectives of transsexual women themselves. We argue that the theory proposed by Blanchard is not only inconsistent with the narratives of transsexual women themselves, but also responsible for reiterating stigmatizing views about the sexuality of transsexual women, particularly those who are not exclusively attracted to men.

Palavras-chave: autoginefilia, transexualidade, sexualidade, parafilia.

Keywords: autogynephilia, transsexuality, sexuality, paraphilia.

1 Possui graduação em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Estadual de Campinas (2015), graduação em Estudos Literários pela Universidade Estadual de Campinas (2019) e mestrado em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2019). Escreve e administra o blog transfeminismo.com e publica na plataforma Medium (<https://medium.com/@biapagliarinibagagli>). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Brasil. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6602183606546784>. E-mail: paglibagli@gmail.com

Introdução a respeito da “autoginefilia”

O termo “autoginefilia” (*autogynephilia* em inglês) foi originalmente usado pelo sexólogo americano-canadense Ray Blanchard no final da década de 1980 para descrever uma gama de fantasias e comportamentos sexuais, tais como: excitação em resposta ao uso de roupas consideradas femininas, fantasias de ter um corpo feminino, fantasias de ser sexualmente apreciada/o como mulher e imaginar-se como mulher enquanto mantém relações sexuais com o/a parceiro/a sexual. Ele derivou o termo de suas raízes gregas para designar o “amor a si mesmo como mulher”.

O autor propõe que existem dois tipos diferentes de mulheres transexuais² em função de suas orientações sexuais. O primeiro grupo refere-se ao de mulheres transexuais atraídas exclusivamente por homens e o segundo abarca todas as demais mulheres transexuais (incluindo as mulheres transexuais assexuais).³ O autor então propõe que a causa subjacente que levaria este segundo grupo à transição de gênero seria a autoginefilia. Assim, o autor postula que virtualmente todas as mulheres transexuais que não são exclusivamente atraídas por homens sejam essencialmente “autoginefílicas”. A hipótese de Blanchard teve influência dentro da comunidade psiquiátrica, como evidenciado pela presença do termo autoginefilia como um especificador no diagnóstico de “transtorno transvestico” (*transvestic disorder*) (AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION, 2013, p. 702) no DSM-V.

O autor argumenta a favor da sua tipologia da transexualidade ao alegar que existiria uma variedade de características e distinções clínicas relevantes entre um grupo e outro. O fato das mulheres transexuais não exclusivamente androfílicas aparentemente não vivenciarem uma infância tão marcadamente feminina como as mulheres transexuais exclusivamente androfílicas e buscarem os procedimentos médicos de transição de gênero, em média, mais tarde em comparação às mulheres transexuais exclusivamente androfílicas é frequentemente mencionado como um argumento para a tipologia proposta por Blanchard (1989a, 1989b).

Por outro lado, a teoria de tipologia da transexualidade de Blanchard encontra resistência, na medida em que diversos psicólogos que trabalham com usuários de saúde/clientes/pacientes transgêneros não acreditam que mulheres transexuais possam ser enquadradas em duas categorias estanques e mutuamente excludentes em razão de suas orientações sexuais (BOCKTING, 2005; GOOREN, 2006; LANE, 2008; MOSER, 2008). As diferenças (ou eventuais e/ou supostas diferenças) entre mulheres transexuais de acordo com suas orientações sexuais não implicam necessariamente

2 Neste trabalho, assumimos o significado de *mulher transexual* como a pessoa que foi designada com o gênero masculino ao nascimento e se identifica como mulher e de *homem transexual* como a pessoa que foi designada com o gênero feminino ao nascimento e se identifica como homem. Assumimos o significado de *mulher cisgênera* como a pessoa que foi designada com o gênero feminino ao nascimento e se identifica como mulher e de *homem cisgênero* como a pessoa que foi designada com o gênero masculino ao nascimento e se identifica como homem. Para o objetivo deste trabalho, assumimos *transgênero* como sinônimo de *transexual*. Adotamos, portanto, uma perspectiva transfeminista, segundo a qual o gênero auto-identificado das pessoas transgêneras deve ser reconhecido em sua legitimidade e autenticidade. O leitor deve prestar atenção ao fato de Blanchard designar mulheres transexuais como homens e, portanto, assumir o referencial do gênero originalmente designado ao nascimento para determinar a heterossexualidade e homossexualidade entre pessoas transexuais. Assim, ao referenciarmos as teorizações do autor, preferimos o uso dos qualificadores *androfílico* (para designar as atrações sexuais orientadas exclusivamente e/ou predominantemente para homens) e *ginefílico* (para designar as atrações orientadas exclusivamente e/ou predominantemente para mulheres).

3 Blanchard (1989b, p. 616) designa a assexualidade por meio do termo *analloerotic*.

em uma tipologia (VEALE, 2014, p. 1178), uma etiologia ou tipologias etiológicas distintas da transexualidade. Moser (2010, p. 764) afirma não ter encontrado, depois de uma pesquisa extensiva da literatura, qualquer necessidade ou utilidade clínica da noção autoginefilia para o cuidado com a saúde de mulheres transexuais.

Ao conectar dois conceitos distintos na sexologia (sexualidade e identidade de gênero), usualmente pensados de forma independente, a teoria de Blanchard aborda **não apenas uma descrição sobre as** supostas especificidades da transexualidade (MOSER, 2010, p. 791), mas a própria concepção da relação entre orientação sexual e identidade de gênero.⁴ Portanto, esta teoria tem amplas implicações; abrangendo, sob um único guarda-chuva de ideias, tanto a transexualidade quanto outras formas de transgêneridade (WYNDZEN, 2003).

Serano (2020) propõe a designação *female/feminine embodiment fantasies*⁵ como substituta à noção de autoginefilia. Isto se justifica já que a própria noção de autoginefilia é conceituada no interior da teoria de Blanchard, segundo a qual estas experiências constituem uma forma de “parafilias⁶ masculina”, ou, em suas palavras, uma “tendência parafílica masculina de ser sexualmente excitado pelo pensamento ou imagem de si mesmo como mulher” (BLANCHARD, 1991, p. 235). Neste sentido, o uso do termo autoginefilia não é apenas descritivo, ele é teórico, isto é, implica a adesão a uma perspectiva teórica que concebe as fantasias de incorporação como parafilias (SERANO, 2010, p. 176) e as mulheres transexuais como homens. Patologizar comportamentos consensuais e não criminosos como “parafílicos” pode levar a considerável discriminação contra os indivíduos que os expressam (conferir MOSER, 2008, 2009b). Portanto, neste trabalho iremos adotar a escolha terminológica de Serano.

Através de pesquisas em buscadores acadêmicos como o Google Acadêmico e PubMed, podemos atestar que são inexistentes artigos acadêmicos para o termo “autoginefilia” e/ou que abordem centralmente a autoginefilia em língua portuguesa. No entanto, ao buscarmos o mesmo termo em português no mecanismo de busca tradicional do Google, veremos um número considerável de conteúdo em sites, redes e especialmente em blogs de ativismo anti-transgênero, tais como: “O que é autoginefilia” em *Feminismo Radical/ Arquivista Radical* (plataforma Medium)⁷; “O que é autoginefilia” em *Blogueiras Radicais* (plataforma Medium)⁸; “Mas autoginefilia **não existe!**: Sexo por telefone, o olhar masculino e como Blanchard e os trans* ativistas estão ambos errados”⁹ em *Arquivo Radical* e “Transexuais contra a Essência Feminina”. Por que ativistas transexuais rejeitam com tanta veemência o conceito de autoginefilia?¹⁰ no portal do CONIPSI (Conselho Internacional

4 Para uma compreensão da perspectiva transfeminista a respeito da relação entre orientação sexual e identidade de gênero, conferir Bagagli (2017).

5 Usaremos neste artigo a seguinte tradução: fantasias de incorporação femininas (FIF).

6 Parafilias geralmente são compreendidas como transtornos mentais e interesses sexuais incomuns. No entanto, os limites que distinguiriam uma sexualidade “normal” das parafilias são controversos (cf. MOSER, 2010; MOSER, KLEINPLATZ, 2006).

7 Disponível em: <https://medium.com/arquivo-radical/o-que-%C3%A9-autoginefilia-4b33d4f1729d>. Acesso em: 15 abr. 2021.

8 Disponível em: <http://blogueirasradicais.com/index.php/2020/07/17/o-que-e-autoginefilia/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

9 Disponível em: <https://arquivoradical.wordpress.com/2017/04/26/mas-autoginefilia-nao-existe-sexo-por-telefone-o-olhar-masculino-e-como-blanchard-e-os-trans-ativistas-estao-ambos-errados/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

10 Disponível em: <https://www.conipsi.com/transexuais-contra-a-essencia-feminina/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

de Psicanálise).

Poucos pesquisadores acadêmicos na área de psicologia ou sexologia ainda promovem a teoria de Blanchard sobre autoginefilia, tais como Anne Lawrence e J. Michael Bailey. Por outro lado, como aponta Serano (2020, p. 733), na última década, a teoria psicológica da autoginefilia tem sido cada vez mais citada no interior do movimento feminista radical trans-excludente.¹¹ As ocorrências que encontramos em buscas pelo Google atestam esta tendência também em língua portuguesa. É notável observar, contudo, que os conteúdos a respeito de autoginefilia em língua portuguesa em redes feministas trans-excludentes são fortemente influenciados por conteúdos em condições de produção de língua inglesa.

Em um dos textos provenientes desta rede de feminismo radical trans-excludente em língua portuguesa, Rica (2020) afirma que a “prática da autoginefilia é incompatível com a superação da misoginia” e que “autoginefílicos não são mulheres”. Além disto, alega que mulheres trans, ao acessarem espaços considerados femininos, destroem os “direitos que foram conquistados pelas mulheres com muita luta”. Também afirma que “um homem em pele de mulher ainda é um homem – e não deixa de ser safado, escroto e predatório por isso”, produzindo uma generalização a respeito de um suposto caráter nefasto do grupo de mulheres trans, especialmente aquelas que seriam “autoginefílicas”.

As teorias de autoginefilia são mobilizadas usualmente nas mídias e redes sociais com o objetivo de caracterizar as mulheres transgêneras como homens sexualmente desviantes de forma a concluir, por exemplo, que mulheres transgêneras possam representar um perigo à segurança das demais mulheres em espaços segregados por gênero, como os banheiros. Em um texto traduzido de língua inglesa para língua portuguesa publicado pela CONIPSI, por exemplo, lemos que a autoginefilia refere-se a “uma condição” que pode impelir os seus portadores a “ameaçar a privacidade de mulheres e meninas de maneiras ainda mais perigosas do que sua mera presença”, sem citar qualquer evidência que mostre que mulheres transexuais autoginefílicas de fato representem um perigo para as demais mulheres em espaços segregados por gênero. O texto então conclui que “sacrificar mulheres e meninas às fantasias eróticas de indivíduos com doença mental não deve ser uma opção” – presumindo, portanto, que a autoginefilia seja uma “doença mental”.

Serano (2020, p. 774) cogita que aqueles que aderem à teoria originalmente proposta por Blanchard o fazem não porque estariam preocupados com as melhores evidências científicas, mas precisamente por razões ideológicas ou pelos posicionamentos sócio-políticos em relação a transexualidade. A teoria da autoginefilia, neste aspecto, pode ser útil para sustentar diversos posicionamentos de negação do reconhecimento da identidade de gênero, principalmente de mulheres transexuais lésbicas e bissexuais. Para os espaços (muitos deles virtuais), posicionamentos e ideologias hostis às pessoas transgêneras, especialmente às mulheres transgêneras, a teoria da autoginefilia é apresentada como um dogma científico bem estabilizado, escamoteando ou ignorando o fato de que esta teoria nunca foi amplamente aceita dentro da sexologia e psicologia, além dos inúmeros estudos posteriores que refutam as suas alegações primárias (SERANO, 2020, p. 734).

Embora Blanchard tenha escrito vários artigos sobre autoginefilia entre 1985 e 1993, a teoria

11 Para uma análise do movimento e discursos feministas radicais trans-excludentes, conferir Bagagli (2019).

não atraiu muita atenção até o início dos anos 2000, quando Anne Lawrence e J. Michael Bailey¹² começaram a propagar e defender publicamente suas teorias (SERANO, 2010, p. 178). A partir de comentários de 119 mulheres transexuais sobre a teoria da autoginefilia de Blanchard, Veale et al. (2012, p. 136) atestaram que 16% foram positivos, 31,9% neutros e 52,1% negativos. A então intensa reação negativa de ativistas trans de língua inglesa aos escritos sobretudo de Bailey foi caracterizada de forma caricatural como a expressão de uma espécie de “raiva narcisista” – uma reação exagerada em massa, irracional e histérica às teorias e diagnósticos supostamente lógicos, razoáveis e bem fundamentados empiricamente de psicólogos (SERANO, 2016, p. 127).

Muitas críticas à teoria de Blanchard foram feitas tanto por ativistas trans quanto por pesquisadores da área. Porém, é flagrante a ausência de textos em língua portuguesa com perspectivas críticas à noção de autoginefilia. Como pudemos mostrar, a esmagadora maioria dos textos em língua portuguesa a respeito da autoginefilia apresentam posicionamentos extremamente hostis às pessoas transgêneras. Tendo em vista estas considerações iniciais, este artigo tem o objetivo de abordar criticamente os principais problemas e aspectos que sustentam a teoria da autoginefilia proposta por Blanchard e suas consequências negativas para a dignidade das mulheres transexuais.

Considerações críticas à “autoginefilia”

Blanchard (1989^a; 1989b) propõe que existam dois “tipos” fundamentalmente diferentes de mulheres transexuais, cada qual caracterizada por distintas “anomalias eróticas”. O autor designa como “transexuais homossexuais” aquelas mulheres transexuais que se atraem por homens e “transexuais heterossexuais” aquelas mulheres transexuais que se atraem por mulheres, deslegitimando a identidade de gênero feminina de mulheres trans, ao considerar que o gênero atribuído ao nascimento deve preponderar sobre o gênero identificado para a definição de homossexualidade ou heterossexualidade. Mulheres transexuais lésbicas, bissexuais e assexuais seriam “subtipos de um único transtorno” (BLANCHARD, 1989b, p. 620); transtorno esse caracterizado pela “tendência anormal de ser sexualmente excitado pelo pensamento de ser mulher” (BLANCHARD, 1989b, p. 621), designando-as como “autoginefílicas”.¹³ Outros proponentes da teoria, como Bailey (2003, p. 146), sugerem que as mulheres transexuais androfílicas, por outro lado, realizam a transição de gênero com o objetivo de atrair homens heterossexuais. Segundo Serano (2020, p. 773, tradução nossa):

12 Como observa Serano (2016, p. 123), a teoria da autoginefilia formulada por Blanchard foi mais recentemente popularizada e sensacionalizada pelo livro de J. Michael Bailey, **The Man Who Would be Queen**, de 2003. Para a autora, o livro de Bailey é expressamente estigmatizante e promove uma distorção tanto das vidas das pessoas trans como da literatura científica sobre o tema (SERANO, 2016, p. 126). Para Wyndzen (2008, p. 500), o *backlash* contra o livro de Bailey foi motivado não porque ele meramente abordou as fantasias sexuais de mulheres transexuais, e sim porque houve a tentativa de explicar a transexualidade unicamente como efeito da sexualidade de uma forma ainda mais trivializada que as formulações de Blanchard, ignorando outros mecanismos em potencial e caracterizando as mulheres transexuais como fontes “não confiáveis” (mentirosas) a respeito de suas próprias experiências.

13 É importante notar, por outro lado, que o próprio autor reconhece que o aspecto absoluto da categorização “é uma questão empírica que só pode ser resolvida por novas pesquisas” (BLANCHARD, 2005, p. 445).

Os proponentes contemporâneos da autoginefilia parecem acreditar que, só porque Blanchard identificou “dois subtipos” de mulheres trans em uma clínica de identidade de gênero canadense na década de 1980, esses mesmos dois subtipos ainda devem existir da mesma forma hoje, e presumivelmente para eternidade. Isso ignora o grande corpo de pesquisa que demonstra que, embora as minorias sexuais e de gênero existam em todas as culturas, suas identidades e comportamentos específicos são frequentemente moldados por normas locais e pressões sociais, e que mesmo dentro de uma determinada cultura, diferentes cortes geracionais de pessoas LGBTQ+ costumam exibir autocompreensões, trajetórias de vida e histórias sexuais dramaticamente diferentes (Hammack, 2005). Nos mais de 30 anos desde que Blanchard conduziu sua pesquisa original, ocorreram grandes mudanças na consciência transgênera, visibilidade, reconhecimento legal e acesso a cuidados de saúde e recursos.¹⁴

Blanchard (1991) se pergunta a respeito de “que tipo de defeito na capacidade de aprendizagem sexual de um homem poderia produzir autoginefilia?”. O pesquisador conceitua a autoginefilia como uma parafilia que surgiria de um “impulso heterossexual *mal* direcionado” (BLANCHARD, 1991, p. 242) ou de um “erro de localização do alvo erótico”. Este erro de direcionamento do impulso poderia conviver paralelamente com uma “heterossexualidade normal”, mas também estabeleceria com ela uma relação de “competição”¹⁵ (BLANCHARD, 1991, p. 241). A atração sentida por mulheres transexuais que decorre da imagem de si mesma como uma mulher, nesta concepção, é julgada negativamente. Não está claro também como a autoginefilia competiria com a sexualidade “normal”, na medida em que mulheres transexuais categorizadas como “autoginefílicas” se identificam com todas as formas possíveis de sexualidades “normais” (isto é, mulheres transexuais lésbicas e bissexuais efetivamente se relacionam afetivamente com outras pessoas), independentemente da realização da cirurgia de redesignação sexual (MOSER, 2010, p. 805).

Serano (2020) propõe que a teoria da autoginefilia deve ser compreendida no interior das tensões a respeito da divisão entre “transexuais clássicos” (*classical transsexuals*) e “transvestites/crossdressers”¹⁶, presente sobretudo nos primeiros modelos de cuidado com a saúde da população

14 No original: “Contemporary proponents of autogynephilia seem to believe that, just because Blanchard identified ‘two subtypes’ of trans women in a Canadian gender identity clinic in the 1980s, that these same two subtypes must still exist in the same form today, and presumably for perpetuity. This ignores the large body of research demonstrating that, while gender and sexual minorities exist in all cultures, their specific identities and behaviours are often shaped by local norms and social pressures, and that even within a given culture, different generational cohorts of LGBTQ+ people often display dramatically different self-understandings, life trajectories and sexual histories (Hammack, 2005). In the 30-plus years since Blanchard conducted his original research, there have been massive shifts in transgender awareness, visibility, legal recognition and access to healthcare and resources.”

15 Como aponta Moser (2010, p. 802) nenhum dado foi apresentado por Blanchard para sugerir que a maioria das mulheres transexuais ginefílicas (e mais especificamente, autoginefílicas) tenham capacidades diminuídas ou qualquer problema para formar vínculos afetivos com outras pessoas.

16 Como observa Serano (2020), o termo *crossdresser* tem sido mais utilizado contemporaneamente para designar sujeitos que, no geral, se identificam como homens e usam roupas femininas em contextos específicos, particularmente de excitação sexual. O termo *transvestite* foi mais utilizado em literatura de língua inglesa para designar estes sujeitos, particularmente sob a noção de “fetichismo transvestítico” (*transvestic fetishism*). Em contextos de línguas latinas, especialmente o português e espanhol, a noção sociocultural da identidade travesti nunca correspondeu à de *crossdresser* tampouco a de fetichismo transvestítico ou de *transvestite*, estando mais próxima da noção, em modelos ultrapassados, de um “homem homossexual com mente feminilizada” que, embora expresse uma identificação inequivocamente feminina e realize procedimentos de alteração corporal, não deseja a cirurgia de redesignação sexual (portanto, tanto se aproximando quanto se distanciando da noção de transexual “clássico” ou “verdadeiro” por diferentes aspectos). Segundo Jesus (2012, p. 9), travestis vivenciam papéis de gênero feminino e suas identidades de gênero não coincidem com as expectativas sociais do gênero assignado. York et al. (2020) ressaltam a vinculação da travestilidade a movimentos de resistência que contestam as normas de gênero e discriminações.

trans e pesquisa pautados em perspectivas patologizantes, essencialistas e binárias (conferir DENNY, 2004; DAVY et al., 2018). Estes primeiros modelos conceituavam os “transexuais clássicos” como “homens com mentes feminilizadas” e “mulheres com mentes masculinizadas” e viam, respectivamente, homens homossexuais e mulheres homossexuais como manifestações de um “mesmo tipo de pessoa”, isto é, mulheres transexuais e homens homossexuais se associariam como a expressão de um mesmo “fenômeno”, assim como homens transexuais e mulheres homossexuais. Este modelo supõe, portanto, que a homossexualidade em homens expresse um aspecto de feminilidade, assim como a homossexualidade em mulheres expresse um aspecto de masculinidade, de forma com que a transexualidade fosse vista, a partir de um referencial que estabelece um *continuum*, aos casos de feminilidade mais “extremos” em homens e de masculinidade mais “extremos” em mulheres.

Segundo Butler (2003, p. 38):

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual.

Estas considerações nos permitem avançar na compreensão das relações de (in) coerências ou (des) continuidades entre sexo, gênero, prática sexual e desejo nas vivências de pessoas transexuais. Se, por um lado, podemos considerar a transexualidade como uma identidade de gênero que não decorre da atribuição de sexo, a sexualidade não-heterossexual de pessoas transexuais revela, por outro lado, a própria equivocidade de um modelo normativo que visa supostamente “explicar” a transexualidade por meio da busca de restituição da coerência entre gênero e desejo (“mulheres transexuais devem desejar homens, pois elas são homens extremamente femininos”; “pessoas femininas desejam naturalmente pessoas masculinas”; etc). As vivências múltiplas e concretas de pessoas transexuais nos mostram, ao contrário, não apenas que a identidade de gênero não decorre do sexo, como também que o desejo não decorre necessariamente da identidade.

A desautorização da sexualidade das pessoas trans a partir dos seus próprios referenciais por meio de uma justificativa que mobiliza a noção de sexo como uma matéria biológica (“uma mulher transexual não pode ser lésbica pois biologicamente é um homem”) nos remete, por sua vez, à própria distinção entre natureza e cultura. Para Butler (2003, p. 66), a distinção entre sexo e gênero (que ressoa a divisão entre natureza e cultura) é fruto de uma formação discursiva que produz e sustenta uma relação de hierarquia.

Embora seja frequente a associação da cultura com a masculinidade e, por consequência, ao polo de dominação, é notável considerar inversamente que, no caso da sexualidade dos sujeitos trans, o polo de subjugação se localiza no lado da cultura: enquanto sexo guardaria uma suposta verdade escondida e irrefutável a respeito dos corpos (“uma mulher transexual é na verdade um homem biológico”), o gênero abre brecha para o que seria inautêntico no corpo e sexualidade dos sujeitos trans e, portanto, pejorativamente artificial. Neste funcionamento é como se o sexo pudes-

se refutar o gênero. Há aqui a negação da possibilidade da criação e uso de categorias pelos sujeitos que desviam das normas de gênero e sexualidade, o que, nas colocações de Wittig (1992, p. 24-35), exemplifica o próprio funcionamento da heterossexualidade enquanto sistema de dominação (que produz, como efeito, a ideia de que esta negação decorra da própria ordem simbólica que nos constituiria enquanto sujeitos de linguagem).

Dada a conceituação e presença de modelos de coerência entre sexo, gênero, prática sexual e desejo e a matriz cisheteronormativa, muitos pesquisadores presumiam que as mulheres transexuais não só se identificariam como mulheres, mas também *deveriam ser femininas* na expressão de gênero ao longo de suas vidas e serem exclusivamente orientadas sexualmente por homens (SERANO, 2020, p. 765). *Crossdressers*, por outro lado, são frequentemente vistos como homens heterossexuais masculinos que apenas usam roupas tipicamente femininas ocasionalmente (principalmente em segredo), podendo ou não experienciar excitação sexual decorrente do uso dessas roupas ou de se imaginarem com características físicas consideradas femininas. No interior deste paradigma, o grupo de mulheres trans que se atraem exclusivamente por homens se encaixa de forma simplista e convenientemente às narrativas do “cérebro do homem feminizado” ou da “mulher presa em um corpo masculino” enquanto que mulheres transexuais que não se atraem exclusivamente por homens requerem uma explicação extraordinária (SERANO, 2020, p. 774). Nos modelos de cuidado mais ultrapassados e com tendências mais nitidamente patologizantes, as mulheres transexuais deveriam se encaixar neste ideal de transexual clássico para acessarem o diagnóstico formal e, portanto, os procedimentos de alteração corporal, como hormonioterapia e cirurgias de redesignação sexual.

Como mostra Serano, muitos sujeitos não se enquadram neste modelo de compreensão de gênero e sexualidade (que pode ser descrito tanto como heteronormativo como cisnormativo), particularmente as pessoas transexuais homossexuais ou não heterossexuais, isto é, mulheres transexuais lésbicas/bissexuais e homens transexuais gays/bissexuais – já que nestes modelos, é como se a sexualidade não heterossexual dos sujeitos trans pudesse *depor contra* as suas identidades de gênero, produzindo um suposto efeito de incoerência entre identidade de gênero e sexualidade (ex.: **se uma mulher trans se atrai sexualmente por mulheres, não seria mais simples ou lógico permanecer como um homem heterossexual?**). Mulheres transexuais podem não se enquadrar nestas expectativas em função de diversos motivos, dentre os quais: não apresentar uma expressão de gênero vista como “suficientemente” feminina para os padrões hegemônicos; não apresentar inconformidade de gênero (expressões de feminilidade e/ou rejeição de masculinidade) durante a infância, adolescência e/ou vida adulta; ter sido identificada ou ter se identificado em algum momento de sua trajetória de vida como *crossdresser* e ter uma orientação sexual que não seja exclusivamente direcionada para homens.

Blanchard usa como argumento para a hipótese da autoginefilia o fato de encontrar em sua pesquisa uma porcentagem elevada (87,5%) de mulheres transexuais ginefílicas com experiências de FIF e um número muito menor (15%) entre as mulheres transexuais androfílicas.¹⁷ Além disto, a

17 Outro estudo posterior (SMITH et al., 2005) atestou uma diferença menor entre os dois grupos: 53,8% das mulheres transexuais não-androfílicas e 29,5% das androfílicas relataram experiências de FIFs.

especificidade da etiologia parafilica da transexualidade em mulheres transexuais ginefílicas é também usualmente pensada pela percepção de que homens transexuais não-ginefílicos e/ou (auto) androfílicos não existiriam ou seriam exceções raríssimas. No entanto, pesquisas mais recentes mostram que homens transexuais androfílicos são mais comuns do que se achava anteriormente (BOCKTING et al., 2009). Além disto, o fato da intensidade da disforia de gênero não variar em função da orientação sexual entre as mulheres transexuais (SMITH et al., 2005; DEOGRACIAS et al., 2007) é um indício que depõe contra a teoria da autoginefilia como etiologia específica em mulheres transexuais ginefílicas/lésbicas.

Por mais que a noção de autoginefilia seja mobilizada por Blanchard em uma teoria nova a respeito da taxonomia e etiologia da transexualidade, é notável constatar, por outro lado, que ela se desenvolve por meio do próprio aprofundamento de noções de gênero e sexualidade já amplamente difundidas, provenientes de um modelo de compreensão de gênero e sexualidade hegemônico, binarista, com fortes tendências patologizantes e que se revela paulatinamente ultrapassado.

Serano (2020, p. 766) argumenta que o problema com a teoria de Blanchard não reside no fato dela meramente abordar as FIFs. O aspecto recusado da teoria da autoginefilia por seus críticos reside no estabelecimento de relações causais entre as FIFs e as classificações etiológicas e taxonômicas. Isto significa dizer que os críticos da teoria não necessariamente recusam por si só a existência dessas fantasias, mas sim a forma como esta teoria em específico as interpreta como uma parafilia, além da tendência de associá-las exclusivamente a uma experiência transfeminina (isto é, de mulheres transexuais) e ignorar as eventuais fantasias de incorporação masculinas. Nesta direção, Serano (2010, p. 181-182) observa que Blanchard postula somente que a autoginefilia seja a causa da disforia de gênero em mulheres trans não androfílicas, mas não cogita as hipóteses de que a disforia de gênero seja a causa da autoginefilia ou de que ambas as características se correlacionem em mulheres trans não androfílicas por alguma outra razão. O fato da hormonioterapia utilizada por mulheres transexuais frequentemente diminuir o desejo sexual sem diminuir a identificação feminina também depõe contra a hipótese de Blanchard.¹⁸ Moser (2010, p. 793) critica ainda o fato de Blanchard classificar qualquer indivíduo que tenha experienciado FIFs alguma vez como autoginefílico, independentemente do quão persistentes e frequentes são as experiências.

Serano (2020, p. 767) defende que uma hipótese mais plausível para a emergência de experiências de FIFs reside em fatores socioculturais que promovem a repressão de inclinações e vestimentas femininas em indivíduos assignados como homens ao nascer. Neste sentido, a autora propõe compreender os impactos que a cultura hegemonicamente masculina possui nas FIFs. Em uma cultura hegemonicamente masculina, cujo ponto de vista, portanto, coincide com um ponto de

18 Muitos indivíduos diagnosticados com uma parafilia e tratados com antiandrógenos (medicamentos destinados para inibir os níveis e os efeitos da testosterona) relatam uma diminuição significativa em seu desejo de agir de acordo com seus interesses parafilicos (cf. GUAY, 2009). Como observa Moser (2010), não é comum que indivíduos com parafilias busquem estas medicações para diminuir seus impulsos sexuais ou tenham interesse em bloquear os seus interesses sexuais (cf. LANGEVIN et al., 1998). A terapia hormonal destinada a mulheres transexuais usualmente inclui medicamentos antiandrógenos em associação com estrógenos. Mesmo se considerássemos, portanto, mulheres transexuais como autoginefílicas em função de se atraírem por mulheres, elas se difeririam dos demais indivíduos parafilicos, pois elas gostam dos efeitos das medicações antiandrogênicas (MOSER, 2010, p. 800). Além disto, o autor também pontua que não há diferenças entre mulheres transexuais androfílicas e ginefílicas em relação ao uso da terapia hormonal.

vista masculino, não é de se estranhar que as fantasias a respeito de se tornar um outro diferente de si mesmo recaiam mais frequentemente sobre os aspectos de feminilidade ou do processo do devir feminino.

A autora pontua a existência de dois estágios possíveis nas experiências de FIFs de mulheres transexuais: em um primeiro momento, mulheres transexuais, particularmente aquelas que foram forçadas a se apresentarem como homens, que tiveram suas expressões de feminilidade reprimidas e/ou tiveram suas experiências como *crossdressers* (frequentemente vivendo vários anos de suas vidas adultas como homens cisgêneros heterossexuais), podem sentir vergonha e dissociação a respeito de suas experiências, de forma com que as suas primeiras experiências decorrentes das FIFs sejam frequentemente marcadas por efeitos que poderiam ser descritos ou vistos como estereotipados, provenientes de um olhar masculino hegemônico em relação à feminilidade; porém, em um segundo momento, que coincide com o ato de assumir e conseguir expressar a própria identidade de gênero, os aspectos de feminilidade deixam de ser uma fantasia dissociada da própria identidade, pois são aspectos espontaneamente incorporados e vivenciados sem auto repressão ou dissociação. À medida em que as mulheres transexuais começam a interagir socialmente nas suas identidades femininas ou a ver as suas inclinações de gênero como autênticas e com orgulho (DOORN et al., 1994; SERANO, 2007), as FIFs adquirem um novo significado na trajetória de vida dessas mulheres.

Para Serano (2020, p. 773), Blanchard nunca conseguiu abordar corretamente esta mudança, caracterizando esta tomada de consciência a respeito do próprio corpo e sexualidade como decorrente do suposto vínculo de par que as mulheres trans estabeleceriam imaginariamente com seus próprios “selves femininos”. Assim, para Blanchard, a redução das FIFs seria análoga a situação dos casais de longa data na qual os cônjuges tendem a se tornar menos sexualmente ativos um com o outro com o tempo. Como aponta Serano (2010, p. 182), esta explicação é um tanto exagerada, pois além de não haver evidências biológicas que sugiram que os humanos ou outros animais sejam capazes de formar pares com eles mesmos e/ou com seus próprios corpos, estas mulheres transexuais simplesmente não se veem impedidas de se relacionarem com as demais pessoas (o que torna ainda mais sem sentido a ideia de que elas teriam “se casado com a imagem delas mesmas”).

Ainda segundo Serano (2020, p. 766), existem diversas objeções à teoria da autoginefilia que partem dos próprios estudos de Blanchard, dentre as quais: a existência de mulheres transexuais que se atraem por mulheres que não experienciam FIFs; a existência de experiências de FIFs em mulheres transexuais que se atraem exclusivamente por homens; a existência de mulheres transexuais ginefílicas que relatam disforia de gênero ou identificação feminina antes de experienciar FIFs (o que inclui os relatos de identificação feminina neste grupo antes da puberdade); o declínio de experiências de FIF relatado tanto por mulheres transexuais como por *crossdressers* (indicando que essas fantasias não são necessariamente centrais para a sexualidade e/ou identidade de gênero dessas pessoas) (NUTTBROCK et al., 2011; SMITH et al., 2005; VEALE et al., 2008; SERANO, 2010).¹⁹ Veale et al. (2008) descobriram que quando as mulheres transexuais foram agrupadas de

19 As parafilias são geralmente consideradas como “intensas e persistentes” (American Psychiatric Association, 2013, p. 685), pois persistem até que o desejo sexual diminua com o avanço da idade. Assim, Serano (2010, p. 182) observa que o fato de que muitas pessoas trans do espectro MtF (*male to female*) pré-transição (ou mesmo que não transicionam) e que não são especialmente idosas e continuam a ser sexualmente ativas e, mesmo assim, experimentam uma grande di-

acordo com suas experiências de FIFs, elas não diferiram significativamente quanto à orientação sexual. Moser (2010, p. 797) indica problemas metodológicos nos estudos de Blanchard, pois parte significativa de indivíduos com experiências de FIFs que nem ao menos se identificam como transexuais²⁰ serviu para a obtenção de dados e conclusões a respeito do grupo de mulheres transexuais lésbicas, bissexuais e assexuais.

A presença destas múltiplas experiências e narrativas de gênero e sexualidade em mulheres transexuais coloca em dúvida a própria plausibilidade das hipóteses etiológicas e taxonômicas tecidas por Blanchard. As exceções à teoria são retratadas pelos seus próprios proponentes como sendo resultados de relatos não confiáveis ou mentirosos²¹ dos indivíduos transgêneros pesquisados. Como bem pontuam os diversos críticos, a alegação de que os relatos que contradizem a teoria só poderiam ser fruto de mentiras deliberadas revela o caráter não falseável desta teoria (WYNDZEN, 2004), além da adesão tácita a um posicionamento ideológico que tende a conceber os indivíduos transgêneros como essencialmente não confiáveis. Por outro lado, é também muito estranho os proponentes da teoria da autoginefilia acusarem as mulheres transexuais de mentir ou de não serem fontes confiáveis a respeito de suas próprias fantasias sexuais, na medida em que a evidência primária para a teorização a respeito da autoginefilia provém justamente dos autos relatos de mulheres transexuais (WYNDZEN, 2008, p. 500). Segundo Serano (2010, p. 185), o estereótipo de que as mulheres transexuais propositalmente buscam enganar as demais pessoas ao se apresentarem como mulheres também alimenta a presunção comum de que o que as mulheres transexuais dizem sobre as suas próprias identidades e experiências não precisa ser levado em consideração, o que agrava, por sua vez, as inúmeras situações de discriminação e preconceito.

Além disto, Blanchard nunca usou nenhum grupo de controle em seus experimentos, isto é, nunca aplicou os mesmos questionários sobre autoginefilia para mulheres cisgêneras. Outras alegações laterais provenientes das teorizações de Blanchard, tais como a de que as FIF “competem” com a atração sexual direcionada por outras pessoas; mulheres trans assexuais são predominantemente autoginefílicas e mulheres trans bissexuais são “pseudobissexuais”²² (BLANCHARD, 1989b, p. 622) carecem igualmente de plausibilidade (SERANO, 2020, p. 767). Mesmo diante de tantas críticas, Blanchard (2008, p. 436) sustenta, a partir de relatos anedóticos de fantasias sexuais de mulheres transexuais “autoginefílicas”, que haveria um aspecto fetichista que distinguiria de forma essencial as fantasias de mulheres transexuais das fantasias sexuais de mulheres cisgêneras.

minuição na excitação de gênero cruzado e/ou nas FIFs ao longo do tempo sugere fortemente que a suposta autoginefilia não é a força motriz por trás da identidade trans ou da disforia de gênero.

20 O critério de transexualidade neste caso é a persistência da identificação como mulher por pelo menos um ano.

21 Segundo Bailey (2003, p. 175), “há mais uma razão pela qual muitos autoginefílicos fornecem informações enganosas sobre si mesmos que é diferente de mentir descaradamente. Tem a ver com obsessão”.

22 Blanchard (1989a, p. 323-324) acredita que mulheres transexuais bissexuais seriam na verdade pseudobissexuais, pois elas supostamente não se atrairiam pelas características masculinas do parceiro, e sim pela própria imagem enquanto mulher em uma relação com um homem. O autor descreve o parceiro masculino de mulheres bissexuais como “geralmente uma figura vaga e anônima, em vez de uma pessoa real e provavelmente tem pouca função excitatória além daquela de completar a fantasia da relação sexual vaginal no papel feminino” (BLANCHARD, 1989a, p. 237). Este entendimento justifica a classificação de mulheres transexuais bissexuais na mesma categoria de autoginefílicas, junto com as mulheres transexuais ginefílicas/lésbicas. Achados de uma pesquisa de Veale, Clarke e Lomax (2008) contradizem a hipótese da “pseudobissexualidade” de mulheres transexuais.

Fantasia de incorporação, sejam relacionadas à feminilidade ou masculinidade, não estão apenas presentes em pessoas transgêneras (sejam homens ou mulheres), mas também em pessoas cisgêneras (sejam homens ou mulheres)²³, de forma com que seja pouco provável que estas fantasias sejam específicas às pessoas transexuais, tampouco que configurem uma causa etiológica da transexualidade (SERANO, 2020, p. 768). Retratar as FIFs como sendo exclusivas de mulheres transexuais dá erroneamente a impressão de que as suas identidades de gênero são exclusivamente sexuais por natureza (JONES, 2016, p. 8), ao contrário das demais identidades. A ideia de que FIFs tem o potencial de causar a transexualidade não é suportada por evidências, e a vasta maioria das pessoas que vivenciam fantasias de gênero cruzado não manifestam desejo pela transição de gênero, nem se identificam como transgênero (SERANO, 2020, p. 768). Pessoas que se atraem por mulheres podem experimentar com maior saliência aspectos de sua atração em relação a seu próprio sentimento de incorporação (*embodiment*), de forma com que seja possível cogitar que as pessoas que não se atraem por mulheres, por outro lado, tenham menos chances de experimentar FIFs como algo particularmente estimulante. Cogitar esta relação, como pontua Serano (2020, p. 771), não implica supor uma causalidade direta (isto é, as fantasias de incorporação supostamente causando ou instituindo uma orientação sexual ou identificação de gênero e vice-versa).

Serano (2020, p. 774) aponta que a divisão proposta por Blanchard de dois “tipos” de mulheres transexuais ressoa com dois estereótipos sociais muito comuns a respeito de mulheres trans: a enganadora (*deceiver*) e a patética (*pathetic*)²⁴ (SERANO, 2007). Uma das razões pelas quais a teoria da autoginefilia parece ser tão convincente para muitas pessoas, a despeito das críticas e falta de evidências, reside no fato dela poder confirmar muitos estereótipos prévios e negativos a respeito de mulheres trans (SERANO, 2020, p. 775). Há uma tendência da mídia hegemônica e do senso comum em hipersexualizar as mulheres transexuais, retratando-as rotineiramente como sexualmente promíscuas e desviantes.

A teoria da autoginefilia de Blanchard reforça estes estereótipos, ao reduzir as identificações e narrativas transgêneras a uma motivação sexual. A sexualização presente na teoria de Blanchard também justifica as posições que defendem a recusa do reconhecimento da autenticidade das identidades femininas de mulheres transexuais, pois a autoginefilia, como uma parafilia, é definida como uma experiência tipicamente masculina de sexualidade. Serano também argumenta que a teoria da autoginefilia compartilha a crença socialmente disseminada de que as identidades trans-femininas precisam de uma explicação (já que a transição de gênero do masculino para o feminino seria, a princípio, uma atitude irracional), formulada muitas vezes no interior de uma perspectiva masculina hegemônica segundo a qual as pessoas transicionam tendo em vista atingir um objetivo

23 O fato de uma porcentagem significativa de mulheres cisgêneras que passaram pelos questionários semelhantes ou iguais propostos por Blanchard serem categorizadas como autoginefílicas (MOSER, 2009a; VEALE et al., 2008) acaba por colocar em xeque a noção de que a autoginefilia possa ser uma parafilia, tendo em vista que as parafilias geralmente são pensadas como inexistentes ou extremamente raras neste grupo (American Psychiatric Association, 2000, p. 568).

24 Em razão de serem presumidamente visivelmente extremamente femininas, as mulheres transexuais que se atraem exclusivamente por homens são imaginadas como mais frequentemente passáveis, de forma a “enganar” os seus parceiros sexuais de que sejam mulheres cisgêneras. O estereótipo da mulher trans “patética”, por outro lado, é aplicado para a mulher transexual que visivelmente não possui passabilidade cisgênera (o que resulta, como lembra Serano, na frequente atribuição de realização de uma fantasia sexual bizarra como o motivo oculto para a transição de gênero).

sexual, como se tornar objeto do desejo heterossexual masculino (SERANO, 2020, p. 775). Ao ser questionado se acreditava que classificar pessoas transgêneras como portadores de um transtorno contribuiria para o aumento do estigma contra elas, Blanchard respondeu insensivelmente que “não, quero dizer, quantas pessoas que fazem piadas sobre *travecos* (*tranies*) consultam o DSM primeiro?” (citado por SERANO, 2016, p. 302).

Conclusão

A teoria da autoginefilia proposta por Blanchard acirra a sexualização das vidas, narrativas e identidades de mulheres transexuais, principalmente aquelas que não se atraem exclusivamente por homens. Ela ignora a diversidade e complexidade das identificações de gênero e sexualidade entre as mulheres transexuais ao aderir a uma tipologia rígida, pautada em uma classificação binária, e tece relações de causalidade que não são consistentes nem baseadas em evidências. Os autores que subscrevem a esta perspectiva teórica explicitamente não reconhecem a legitimidade da identificação transfeminina, e referenciam as mulheres transexuais como homens com desvios sexuais. Isto revela a adesão a um posicionamento ideológico específico em relação a transexualidade. Não é de se estranhar que a teoria tenha usualmente sido recebida, como pontua Wyndzen (2003), como um dogma não-científico não-falseável. Em função disto, esta teoria é capaz de alimentar e sustentar posicionamentos hostis, reducionistas e discriminatórios contra mulheres transexuais.

Referências

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5)**. American Psychiatric Pub, 2013.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-IV)**. American Psychiatric Pub, 2000.

BAGAGLI, Beatriz P. **Discursos transfeministas e feministas radicais: disputas pela significação da mulher no feminismo**. 2019. 174 f. Dissertação (Mestrado) — Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

BAGAGLI, Beatriz P. Orientação sexual na identidade de gênero a partir da crítica da heterossexualidade e cisgeneridade como normas. **Letras escreve**, v. 7, n. 1, p. 137-164, 2017.

BAILEY, J. Michael. **The man who would be queen**: The science of gender-bending and transsexualism. Washington, DC Joseph Henry Press, 2003.

BLANCHARD, Ray. Clinical observations and systematic studies of autogynephilia. **Journal of Sex & Marital Therapy**, v. 17, n. 4, p. 235-251, 1991.

BLANCHARD, Ray. Deconstructing the feminine essence narrative. **Archives of Sexual Behavior**, v. 37, n. 3, p. 434-438, 2008.

BLANCHARD, Ray. Early history of the concept of autogynephilia. **Archives of Sexual Behavior**, v. 34, n. 4, p. 439-446, 2005.

BLANCHARD, Ray. The classification and labeling of nonhomosexual gender dysphorias. **Archives of Sexual Behavior**, v. 18, n. 4, 315-334. 1989a.

BLANCHARD, Ray. The concept of autogynephilia and the typology of male gender dysphoria. **Journal of Nervous and Mental Disease**, 1989b.

BOCKTING, Walter O. Biological reductionism meets gender diversity in human sexuality. **Journal of Sex Research**, v. 42, n. 3, p267-270, 2005.

BOCKTING, Walter O.; BENNER, Autumn; COLEMAN, Eli. Gay and bisexual identity development among female-to-male transsexuals in North America: Emergence of a transgender sexuality. **Archives of Sexual Behavior**, v. 38, n. 5, p. 688-701, 2009.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CONIPSI. **Transexuais contra a Essência Feminina**. Tradução do texto de Jane Robbins. 2019. Disponível em: <https://www.conipsi.com/transexuais-contra-a-essencia-feminina/>. Acesso em: 15 out. 2020.

DAVY, Zowie; SØRLIE, Anniken; SCHWEND, Amets Suess. Democratising diagnoses? The role of the depathologisation perspective in constructing corporeal trans citizenship. **Critical Social Policy**, v. 38, n. 1, p. 13-34, 2018.

DENNY, Dallas. Changing models of transsexualism. **Journal of Gay & Lesbian Psychotherapy**, v. 8, n. 1-2, p. 25-40, 2004.

DEOGRACIAS, J. J., JOHNSON, L. L., MEYER-BAHLBURG, H. F., KESSLER, S. J., SCHOBBER, J. M., & ZUCKER, K. J. The gender identity/gender dysphoria questionnaire for adolescents and adults. **Journal of Sex Research**, v. 44, n. 4, p. 370-379, 2007.

DOORN, C. D.; POORTINGA, J.; VERSCHOOR, A. M. Cross-gender identity in transvestites and male transsexuals. **Archives of Sexual Behavior**, v. 23, n. 2, p. 185-201, 1994.

GOOREN, Louis. The biology of human psychosexual differentiation. **Hormones and behavior**, v. 50, n. 4, p. 589-601, 2006.

GUAY, David R. P. Drug treatment of paraphilic and nonparaphilic sexual disorders. **Clinical Therapeutics**, v. 31, n. 1, p. 1-31, 2009.

HAMMACK, Phillip L. An integrative paradigm. **Human Development**, v. 48, n. 5, p. 267-290, 2005.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Brasília, 2012. Disponível em: <https://www.dive.sc.gov.br/conteudos/agrivos/publicacoes/ORIENTACOES SOBRE IDENTIDADE DE GENERO CONCEITOS E TERMOS 2 Edicao.pdf>. Acesso em: 15 out. 2020.

JONES, Zinnia. Alice Dreger, Autogynephilia, and the Misrepresentation of Trans Sexualities. **Gender Analysis**, [S. l.], 2016. Disponível em: <https://genderanalysis.net/2016/04/alice-dreger-autogynephilia-and-the-misrepresentation-of-trans-sexualities-book-review-galileos-middle-finger/>. Acesso em: 27 abr. 2021.

LANE, Riki. Truth, lies, and trans science. **Archives of Sexual Behavior**, v. 37, n. 3, p. 453-456, 2008.

LANGEVIN, Ron; LANG, Reuben A.; CURNOE, Suzanne. The prevalence of sex offenders with deviant fantasies. **Journal of Interpersonal Violence**, v. 13, n. 3, p. 315-327, 1998.

MOSER, Charles. A different perspective. **Archives of Sexual Behavior**, v. 37, p. 366-421, 2008.

MOSER, Charles. Autogynephilia in women. **Journal of Homosexuality**, v. 56, 539-547, 2009a.

MOSER, Charles. Blanchard's autogynephilia theory: A critique. **Journal of homosexuality**, v. 57, n. 6, p. 790-809, 2010.

MOSER, Charles. When is an unusual sexual interest a mental disorder? **Archives of Sexual Behavior**, v. 38, 323-325, 2009b.

MOSER, Charles; KLEINPLATZ, Peggy J. DSM-IV-TR and the paraphilias: An argument for removal. **Journal of Psychology & Human Sexuality**, v. 17, n. 3-4, p. 91-109, 2006.

NUTTBROCK, L.; BOCKTING, W.; MASON, M.; HWAHNG, S.; ROSENBLUM, A.; MACRI, M.; BECKER, J. A further assessment of Blanchard's typology of homosexual versus non-homosexual or autogynephilic gender dysphoria. **Archives of Sexual Behavior**, v. 40, n. 2, p. 247-257, 2011.

RICA, Adriana. O que é autoginefilia? **Blogueiras Radicais**, [S. l.], 2020. Disponível em: <http://blogueirasradicais.com/index.php/2020/07/17/o-que-e-autoginefilia/>. Acesso em: 15 out. 2020.

SERANO, Julia M. The case against autogynephilia. **International Journal of Transgenderism**, v. 12, n. 3, p. 176-187, 2010.

SERANO, Julia. A matter of perspective: A transsexual woman-centric critique of Dreger's "scholarly history" of the Bailey controversy. **Archives of Sexual Behavior**, v. 37, n. 3, p. 491-494, 2008.

SERANO, Julia. Autogynephilia: A scientific review, feminist analysis, and alternative 'embodiment fantasies' model. **The Sociological Review**, v. 68, n. 4, p. 763-778, 2020.

SERANO, Julia. **Outspoken**: a decade of transgender activism & trans feminism. Oakland, CA: Switch Hitter Press, 2016. E-book.

SERANO, Julia. **Whipping girl**: A transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity. New York: Seal Press, 2007.

SMITH, Y. L., VAN GOOZEN, S. H., KUIPER, A. J., & COHEN-KATTENIS, P. T. Transsexual subtypes: Clinical and theoretical significance. **Psychiatry Research**, v. 137, n. 3, p. 151-160, 2005.

VEALE, Jaimie F. Evidence against a typology: A taxometric analysis of the sexuality of male-to-female transsexuals. **Archives of Sexual Behavior**, v. 43, n. 6, p. 1177-1186, 2014.

VEALE, Jaimie F.; CLARKE, Dave E.; LOMAX, Terri C. Sexuality of male-to-female transsexuals. **Archives of Sexual Behavior**, v. 37, n. 4, p. 586-597, 2008.

VEALE, Jaimie F.; CLARKE, David E.; LOMAX, Terri C. Male-to-female transsexuals' impressions of Blanchard's autogynephilia theory. **International Journal of Transgenderism**, v. 13, n. 3, p. 131-139, 2012.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon Press, 1992.

WYNDZEN, Madeline H. A Social Psychology of a History of a Snippet in the Psychology of Transgenderism. **Archives of Sexual Behavior**, v. 37, n. 3, p. 498-502, 2008.

WYNDZEN, Madeline H. Autogynephilia and Ray Blanchard's mis-directed sex-drive model of transsexuality. All mixed up: A transgendered psychology professor's perspective on life, the psychology of gender, & "gender identity disorder". **Gender Psychology**, [S. l.], 2003. Disponível em: http://www.GenderPsychology.org/autogynpehilia/ray_blanchard/ Acesso em: 15 out. 2020.

WYNDZEN, Madeline H. The banality of insensitivity: portrayals of transgenderism in psychopathology. All mixed up: A transgendered psychology professor's perspective on life, the psychology of gender, & "gender identity disorder". **Gender Psychology**, [S. l.], 2004. Disponível em: http://www.GenderPsychology.org/psychology/mental_illness_model.html Acesso em: 15 out. 2020.

YORK, Sara Wagner; OLIVEIRA, Megg Rayara Gomes; BENEVIDES, Bruna. Manifestações textuais (insubmissas) travesti. **Revista Estudos Feministas**, v. 28, p. 1-12, 2020.